

Discurso proferido pelo Senador JOSAPHAT MARINHO no dia 30 de março de 1966, às 20 horas, por ocasião da Seção de Instalação do Movimento Democrático Brasileiro.

Senhor Presidente do Movimento Democrático Brasileiro, ilustre Mesa dirigente, companheiros de partido, minhas senhoras e meus senhores, funcionários, estudantes e operários, numa semana de festas compulsórias, abre-se neste instante uma clareira de liberdade para um ato popular.

Ministros civis e militares que ontem combateram o Estado Nôvo e o seu estilo, hoje os imitam, baixando ordens para solenidades, diante da terrível e justa indiferença popular. Convocam e não são atendidos. Nós apenas pedimos e, mesmo com as restrições que já foram denunciadas desta tribuna, a Casa se enche, dando-nos o novo o calor e o entusiasmo de sua solidariedade.

Enquanto aqui se fala a linguagem de libertação, lá fora, nas reuniões oficiais, praticam-se atos de escravização.

Queremos, entretanto, o povo, como agora e em todos os instantes, a nosso lado, para nos fortalecer o ânimo na luta pela implantação do verdadeiro e real regime democrático.

Não pleiteamos restauração de regime. Como se enganam os que nos presumem saudosistas. Claro que somos, como ainda há pouco disse o Presidente, cada qual na medida de sua participação na vida pública, responsáveis por erros do passado. Mas esta Nação não vive à base de erros pretéritos, porque quer sobreviver à luz de um futuro de grandeza, de justiça e de liberdade. É para êsse futuro, de nobres e justas aspirações gerais, que queremos que marche, prestigiado pelo povo, o Movimento Democrático Brasileiro.

Queremos a democracia firmada no voto direto. Queremos os candidatos aos postos legislativos e executivos frente a frente com o povo, na planície com êle, submetendo-se ao crivo da crítica que só cause medo aos que não são capazes de sustentar verdades. Queremos a instauração de um regime de justiça social, em que o Estado se destine a reduzir as desigualdades e não a ampliar os privilégios do poder econômico. Queremos um sistema de educação e cultura, em que as autoridades não suprimam a livre atuação dos dirigentes universitários, nem êstes temam o diálogo e a presença dos estudantes. Queremos um regime em que os direitos dos trabalhadores não sejam apenas uma proclamação na letra fria de textos legais, mas uma realidade palpitante, exercidos sem coação, sem medo, nem temores. Queremos, enfim, um sistema jurídico e político em que todos se sintam efetivamente iguais no exercício dos direitos e na prática dos

deveres, sem que haja superioridades entre as classes, nem dentro das classes, entre civis e militares. Queremos, enfim, numa síntese, aquilo que está na própria Bandeira Nacional: "Ordem e Progresso".

Mas não aceitamos o que se inscreveu, ainda hoje, numa faixa, ali na Estação Rodoviária, ou seja, que "Ordem é Progresso". Não, brasileiros, nem toda ordem é progresso. Não é progresso a ordem que suprime direitos essenciais do homem. Não é progresso a ordem que cessa mandatos parlamentares sem inquéritos regulares. Não é progresso a ordem que suspende direitos políticos de cidadãos notoriamente idôneos. Não é progresso a ordem da fome. Não é progresso a ordem que exclui do âmbito do monopólio estatal do petróleo uma riqueza de amplitude do xisto betuminoso. Não é progresso a ordem que exclui da esfera de ação e de trabalho da Petrobrás toda a industrialização da petroquímica, para permiti-la ao capital privado, nem sempre de caráter nacional. Não é progresso a ordem que, a título de corrigir, ameaça de suprimir uma conquista sagrada dos operários, como a da estabilidade.

Não é, enfim, progresso nenhum tipo de ordem que reduza o homem a condições de mero instrumento das forças dominantes. Ordem e progresso são coisas diferentes num mundo batido pelas aspirações de justiça, como as dos nossos tempos, oriundas do sofrimento de duas guerras.

A ordem é progresso quando assegura as garantias de todos, permitindo-lhes dentro da disciplina educada o exercício dos direitos geralmente reconhecidos. A ordem é progresso quando traduz o aperfeiçoamento das instituições, não para a garantia de alguns, mas para a segurança de todos.

Por isso mesmo, os que ontem combatiam a agitação, porque se lhes afigurava desordem, devem hoje sentir-se humilhados, porque transformaram o regime numa praça de insegurança. E a insegurança não é senão uma outra forma de subversão, pior do que a da agitação, porque não permite a livre movimentação das massas, capaz de corrigir os excessos do Governo.

Por todas essas razões é que nos encontramos hoje aqui, como homens de combate, apelando para o povo e pedindo-lhe o apoio e o entusiasmo para que possamos prosseguir na luta pela criação de um regime lúcido, decente e esclarecido. É para essa ordem que queremos marchar; é para fixação de sua grandeza que convocamos o povo em nosso auxílio.

Brasileiros e brasileiras que aqui nos prestigiam, já que o temor não permitiu que outros, ao longe, nos pudessem ouvir; brasileiros e brasileiras que aqui nos ouvem, nós vos convocamos, com decisão e entusiasmo, para que nos ajudeis a implantar definitivamente e sustentar com energia a ordem na liberdade, engrandecida pela justiça social!